

Alexandra Soares Rodrigues (Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Bragança CELGA-ILTEC – Universidade de Coimbra)

O léxico mental como uma rede ou arquitetura de redes*

This work aims at presenting a lexicalist word-formation model, which we call Word-Formation Rules in Interface model. The advantage of this model is that it permits us to solve problems that arise from the inadequacy between empirical data and their analysis proposed by two divergent models belonging to lexicalist morphology (input-oriented models and output-oriented models). In this work, we analyze word-formation as a specific domain of the lexicon, across different lexicalist theoretical approaches, identifying the disadvantages of each one of them. This is achieved by confronting the theoretical assumptions of those approaches with empirical data from the Portuguese lexicon. From this confrontation, we conclude that those approaches are not totally suitable for the description of word-formation phenomena. We propose a different approach – the Word-Formation Rules in Interface model – which preconizes that lexical paradigms from different levels may be in interface with each other by means of the operation of affixes. The interfaces make up a net architecture.

1 Introdução

Ao longo da história da linguística, o léxico e, especificamente, a formação de palavras, têm sido conceptualizados de diferentes e divergentes modos. No âmbito da gramática gerativa *standard* (e.g. Chomsky 1957, 1965), o léxico surge como uma lista de palavras que resultam da associação entre uma forma fonológica e um conteúdo semântico. Essa lista contém as unidades imprevisíveis ou idiossincráticas da língua. O seu carácter idiossincrático advém do facto de essas unidades não serem explicáveis através de regras de funcionamento que se possam inferir a partir da análise de um conjunto de objetos linguísticos, ao contrário dos fenómenos da sintaxe, núcleo da investigação da gramática gerativa *standard*.

Esta visão do léxico como o domínio da idiossincrasia foi sendo reformulada por outros modelos de linguagem, alguns situados sob o escopo do próprio generativismo. Assim, teorias que se debruçam sobre a formação de palavras, considerando este domínio como pertencente ao léxico e não à sintaxe (morfologia lexicalista desde Halle (1973) até Booij (2010), entre outros), contribuíram para a reformulação do conceito de léxico como uma lista de idiossincrasias e para o seu entendimento como um domínio dinâmico e estruturado segundo o funcionamento de regras ou esquemas mentais. No entanto, essas regras e esquemas, pelo seu carácter estanque, não permitem a descrição e a explicação de muitos dados empíricos. Em resposta a esses problemas, propomos um modelo de formação de palavras em rede, que designamos por Regras de Formação de Palavras em

* Gostaria de agradecer a Albert Wall os comentários a uma versão prévia deste texto, que permitiram uma explanação mais completa do modelo em causa.

Interface (RFPs em Interface) (Rodrigues 2008). Trata-se de um modelo que concebe que paradigmas de formação de palavras distintos podem estar em interface devido à atuação de um operador afixal. Deste modo, esses paradigmas encontram-se arquitetados em rede.

Entendemos o léxico mental como um domínio dinâmico, da linguagem, onde se encontram organizados lexemas, ou seja, estruturas de interface entre sintaxe, semântica e fonologia, seguindo a concepção de linguagem como arquitetura paralela de Jackendoff (2002). Como tal, o léxico não é entendido aqui como simples listagem de pares constituídos por forma e significado (Chomsky 1957; Chomsky 1965), mas antes como um complexo mental arquitetural, em que ocorrem constelações de dados organizadas em níveis de abstração distintos (Booij 2010). A mesma imagem arquitetural é utilizada para conceptualizar o domínio de formação de palavras, tomando este como uma rede de interfaces entre esquemas ou paradigmas mentais (Rodrigues 2008, 2012, 2014, 2015).

Baseando-nos nestes marcos principais da história da conceptualização do léxico, teceremos uma panorâmica por diferentes modelos lexicalistas sobre o léxico, em confronto com a visão da gramática gerativa *standard*, com a intenção de os fazer contrastar com o modelo de RFPs em Interface. Não sendo nosso objetivo um estudo da globalidade das teorias morfológicas derivacionais, mas apenas a análise daquelas que mais se destacam dentro da visão lexicalista enraizada em Chomsky (1970), não nos debruçaremos sobre modelos não lexicalistas, como o da Morfologia Distribuída, não obstante a sua importância para o domínio em foco.

1.1 Organização do trabalho

O núcleo deste trabalho desenvolve-se a partir de uma breve panorâmica acerca dos modelos lexicalistas mais salientes no domínio da teorização linguística acerca do léxico (secção 2). Iniciaremos essa panorâmica com as visões que encaram o léxico como não organizado (secção 2.1), passando posteriormente àquelas que concebem o domínio específico da formação de palavras como um domínio organizado em RFPs (orientadas para o *input*, ou seja, para a uniformidade das bases) (2.2) ou em esquemas orientados para a homogeneidade dos produtos que partilham o mesmo afixo (orientados para o *output*, ou seja, para a uniformidade semântica dos produtos emergente da partilha do afixo) (2.3). Estas últimas perspetivas (sintetizadas em 2.4) são especialmente devedoras de teorizações lexicalistas. Nesse campo, salientaremos a evolução ocorrente dentro destas onde apresentaremos um modelo de formação de palavras em rede (Modelo de RFPs em Interface), desenvolvido em Rodrigues (2008, 2012, 2014, 2015) (secção 3).

2 O léxico: do caos ao cosmos nas diferentes abordagens teóricas

Dado que o nosso objetivo principal consiste na apreensão do domínio da formação de palavras mental como uma rede ou como uma arquitetura de redes, torna-se necessário explicitar que esta visão não é caracterizadora de todas as teorias linguísticas. Começaremos por apresentar de modo resumido uma visão do léxico enquanto domínio idiossincrático, para posteriormente nos debruçarmos sobre duas perspectivas de teor lexicalista que descrevem a formação de palavras como área organizada.

2.1 O léxico como domínio idiossincrático?

Se iniciarmos a nossa brevíssima panorâmica histórica em torno da conceptualização do léxico mental na gramática gerativa *standard* representada por Chomsky (1957, 1965), compreendemos que nesta abordagem o léxico é considerado como o acervo de pares som-significado de carácter irregular, de que está ausente a capacidade geratriz que, nesta teoria, é exclusiva da sintaxe. Esta visão é bebida por Chomsky em Bloomfield (1933), para quem o léxico é justamente esse domínio do idiossincrático e irregular. Consequentemente, o léxico não é central na linguagem, uma vez que a capacidade geratriz da mesma reside exclusivamente na componente sintática. Esta visão chomskyana perdura nos diversos trabalhos do autor. Por exemplo, em Hauser, Chomsky e Fitch (2002), Fitch, Hauser e Chomsky (2005), emerge a mesma conceção hiatizante entre a sintaxe como componente com capacidade recursiva e os restantes domínios da linguagem como carecentes dessa capacidade.

Nestes trabalhos, propõe-se que a faculdade da linguagem deverá ser compreendida em duas aceções – *in lato sensu* e *in stricto sensu*. *In lato sensu*, entende-se a linguagem como constituída pelos sistemas sensorio-motor, concéptuo-intencional e computacional. *In stricto sensu*, a linguagem é restringida ao sistema computacional. Esse sistema computacional, em que cabe a recursividade da linguagem, é exclusivamente identificado com a sintaxe. Outras perspectivas contemporâneas se tecem em sentidos divergentes daquele. Trabalhos como Jackendoff (2002) e Jackendoff e Pinker (2005), por exemplo, advogam que o carácter recursivo/gerativo da linguagem não se encerra apenas na sintaxe, sendo também inerente à semântica e à fonologia. Concebendo Jackendoff (2002) cada item lexical como uma interface entre as estruturas semântica, fonológica e sintática, e estando estas providas de carácter gerativo, então o léxico é ele também dinâmico e teorizável como contendo mecanismos gerativos que o tornam organizado. A mesma visão crítica é apresentada em Kinsella (2009), que defende que a linguagem não é adequadamente descrita por modelos como os de Chomsky, que concebem esta faculdade como definida por um sistema computacional exclusivamente inerente à sintaxe.

Em relação a lexemas não construídos, ou seja, não gerados no português a partir de outro lexema, como *cão*, *correr*, *partir*, *hoje*, *verde*, *livro*, *saber*, é plausível considerar a hipótese do léxico como um domínio idiossincrático ou caótico, porque carecente de regras geradoras destes itens particulares. Contudo, a não geratividade destes itens particulares, que, no fundo, se prende com a arbitrariedade que medeia

a relação entre o significado e o significante, se recuarmos a Saussure, não pode ser usada como obstáculo à própria organização arquitetural do léxico, enquanto domínio organizador de paradigmas semânticos, sintáticos e fonológicos, nos seus diversos níveis de correlação e de abstração. Esta refutação em relação ao carácter não organizado do léxico torna-se ainda mais saliente se observarmos itens construídos, ou seja, gerados em português a partir de um lexema base, como *associação*, *embelezamento*, *aventurança*, *entrançar*, *amabilidade*, etc. Nestes, a organização do léxico não se restringe a paradigmas construídos com base na semelhança entre palavras – sendo aqui a palavra um todo íntegro –, mas alcança níveis mais finos atidos à própria composicionalidade interna das palavras.

2.2 Modelos lexicalistas de Regras de Formação de Palavras (RFPs)

Foi justamente perante a análise de itens lexicais construídos que se assistiu, no seio da gramática gerativa, a uma reformatação da conceptualização de léxico, modelizada por Halle (1973) e prolongada de modo melhorado por Aronoff (1976), Booij (1977), Corbin (1987), entre outros. Estas abordagens lexicalistas concebem que a formação de palavras não é subsidiária da sintaxe, seguindo a proposta de Chomsky (1970) fundadora do lexicalismo, mas está antes localizada num domínio próprio, descrito através das designadas RFPs. De um modo genérico, podemos indicar que uma conceção deste tipo, que se radica na visão lexicalista, ou seja, que prevê a autonomia da genolexia em relação às regras da sintaxe, tem a capacidade de descrever e explicar o léxico construído de uma forma organizada, porque devedora de uma operacionalidade regular e semi-regular, ancorada na previsibilidade e semiprevisibilidade da relação categorial e semântica entre bases, operações e produtos lexicais. Exemplificaremos esta conceção com exemplos do português (cf. Rio-Torto (1993) e Rio-Torto (1998) para a estruturação das RFPs do português e Rio-Torto et alii (2013) para um estudo sistemático, recente e completo da formação de palavras do português).

Quadro 1. Exemplos de geração de lexemas através da RFP de verbos de mudança

RFP verbos de mudança		
Bases N/ADJ	operações	Produtos V 'tornar(-se)/transformar(-se) em N/ADJbase', 'pôr em N/ADJbase', 'pôr Nbase em'
<i>trança</i>	Prefixação heterocategorial em <i>en-</i>	<i>entrançar</i> 'tornar em trança'
<i>laço</i>		<i>enlaçar</i> 'tornar em laço'
<i>vaso</i>		<i>envasar</i> 'pôr em vaso'
<i>óleo</i>	conversão	<i>olear</i> 'pôr óleo em'
<i>açúcar</i>		<i>açucarar</i> 'pôr açúcar em'
<i>âncora</i>		<i>ancorar</i> 'pôr âncora em'
<i>sólido</i>	Sufixação heterocategorial em <i>-ific-</i>	<i>solidificar</i> 'tornar(-se) sólido'
<i>gelo</i>		<i>gelificar</i> 'transformar(-se) em gelo'
<i>luso</i>		<i>lusificar</i> 'tornar luso'

Quadro 2. Exemplos de formação de lexemas através da RFP de *nomina actionis*

RFP <i>nomina actionis</i>		
Bases V	operações	Produtos N 'evento de Vbase'
<i>entrançar</i>	Sufixação heterocategorial em <i>-mento</i>	<i>entrançamento</i>
<i>esvaziar</i>		<i>esvaziamento</i>
<i>aprimorar</i>		<i>aprimoramento</i>
<i>abraçar</i>	conversão	<i>abraço</i>
<i>aportar</i>		<i>combate</i>
<i>encostar</i>		<i>encosto</i>
<i>solidificar</i>	Sufixação heterocategorial em <i>-ção</i>	<i>solidificação</i>
<i>germanizar</i>		<i>germanização</i>
<i>constatar</i>		<i>constatação</i>

Quadro 3. Exemplos de formação de lexemas através da RFP de *nomina qualitatis*

RFP <i>nomina qualitatis</i>		
Bases ADJ/N	operações	Produtos N 'qualidade de ADJ/Nbase'
<i>amável</i>	Sufixação heterocategorial em <i>-idade</i>	<i>amabilidade</i>
<i>Portugal</i>		<i>portugalidade</i>
<i>rotundo</i>		<i>rotundidade</i>
<i>negro</i>	Sufixação heterocategorial em <i>-ume</i>	<i>negrume</i>
<i>azedo</i>		<i>azedume</i>
<i>verde</i>		<i>verdume</i>
<i>estranho</i>	Sufixação heterocategorial em <i>-eza</i>	<i>estranheza</i>
<i>belo</i>		<i>beleza</i>
<i>magro</i>		<i>magreza</i>

Como se depreende pela análise dos exemplos estabelecidos nos Quadros 1, 2 e 3, esta conceção de RFPs permite equacionar o léxico construído como um domínio organizado, regido pela sua própria gramática, e não idiossincrático, como desenhado pela gramática gerativa *standard*.

Nos exemplos acima proporcionados, existe uma relação previsível entre tipos de bases, tipos de operações, delimitadas pelos operadores ou mecanismos genolexicais, e tipos de produtos desenhados quer categorial, quer semanticamente. Assim, a anexação do sufixo *-ção* a um verbo gera um *nomen actionis*, a anexação do sufixo *-idade* a um adjetivo gera um *nomen qualitatis*, a anexação do prefixo *en-* a um nome gera um verbo.

Estas operações de mudança categorial acompanham-se necessariamente por uma reformatação flexional que estará de acordo com a nova categoria lexical. Por exemplo, no caso da formação de verbos através de prefixação heterocategorial, como *en-* (ao radical do nome TRANÇA (*tranç-N*) anexa-se o prefixo *en-* (*entranç-v*)), o produto disporá de morfologia flexional verbal (tempo-modo-aspeto e

número-pessoa: *entrançar, entrançaremos, entrançávamos*) não ocorrente na base. Essa formatação flexional verbal não detém capacidade derivacional, uma vez que essa mesma flexão está presente em verbos básicos, ou seja, não derivados, como *amar, ler* ou *sorrir*.

Como implicado nos Quadros 1, 2 e 3, cada RFP é caracterizada por uma significação genérica ostentada pelos respectivos produtos. No entanto, nem sempre essa significação genérica se manifesta de modo exclusivo no produto lexical. A ocorrência no produto de significados não coincidentes com o significado genérico da RFP em causa, como são aqueles de 'local' (*estacionamento*), 'agentivo' (*gerência*), 'resultado' (*congelamento*) ou 'produto do evento', (*serradura*) presentes nestes nomes deverbais, é explicável através de mecanismos gerativos, como defendido por Corbin (1987). (Cf. Rodrigues (2008) para a explanação dos mecanismos que explicam os semantismos dos deverbais acima mencionados.) Esta visão está de acordo com a proposta de Pustejovsky (1995), segundo a qual a semântica, e não apenas a sintaxe, dispõe de geratividade. Deste modo, a formação lexical encontra-se imbuída de carácter previsível e gerativo, o que a coloca no seio da linguagem (*in stricto sensu*), ou seja, no domínio computacional daquela, pondo-se assim em causa o modelo centrado na sintaxe de Chomsky (cf. Kinsella (2009) e Rodrigues (2015)).

2.2.1 Desvantagens dos modelos de RFPs orientados para o input

Não obstante a capacidade que os modelos lexicalistas orientados para a uniformidade das bases apresentam para a explicitação do léxico como gerativo, o modelo estratificado (cf. Corbin (1987)) ocasiona problematizações que, numa primeira análise redutora, podem relegar uma vez mais o léxico para o campo marginal da linguagem, porque não regular. Esta marginalização decorre da observação de produtos gerados através do mesmo afixo em RFPs distintas. Tal observação põe em causa a solidez da relação categorial entre bases e produtos através de operadores afixais que laboram ao serviço de uma determinada RFP, tal como concebida por modelos orientados para as bases, como é o de Corbin (1987). Observemos os produtos elencados em Rodrigues (2008, 33–34) e que aqui apresentamos nos Quadros 4, 5 e 6:

Quadro 4. *Nomina quantitatis* (denominais) construídos a partir do sufixo *-aria*

RFP <i>nomina quantitatis</i>		
Base N	Operação	Produto N
<i>conta</i>	Sufixação em <i>-aria</i>	<i>contaria</i> 'estabelecimento onde se fazem ou vendem contas; enfiada de contas'
<i>feitiço</i>		<i>feitiçaria</i> 'bruxedo; emprego de feitiços; sortilégio'
<i>laço</i>		<i>laçaria</i> 'ornatos que representam objetos atados com laços de fitas; fitas enlaçadas; porção de laços'
<i>galhofa</i>		<i>galhofaria</i> 'galhofada; vida de galhofeiro'

Quadro 5. Nomina actionis (deverbais) construídos a partir do sufixo *-aria*

RFP <i>nomina actionis</i>		
Base V	operação	produto
<i>zurrar</i>	Sufixação em <i>-aria</i>	<i>zurraria</i> 'muitos zurros simultâneos'
<i>vozear</i>		<i>vozearia</i> 'acto de vozear; clamor de muitas vozes juntas; gritaria; berreiro; ruído; barulho'
<i>voar</i>		<i>voaria</i> 'caçada feita às aves com falcões e outras aves de rapina; volataria; altanaria'
<i>amassar</i>		<i>amassaria</i> 'casa ou lugar próprio onde se amassa a farinha; trabalho de amassar'

Quadro 6. Nomina qualitatis (deadjetivais/denominais) construídos a partir do sufixo *-aria*

RFP <i>nomina qualitatis</i>		
Base N/ADJ	operação	produto
<i>calmo</i>	Sufixação em <i>-aria</i>	<i>calmaria</i> 'serenidade, sossego'
<i>velho</i>		<i>velharia</i> 'ato ou dito próprio de pessoa velha; objeto antigo a que se atribui pouco valor; costume antiquado'
<i>porco</i>		<i>porcaria</i> 'estado do que é porco ou de quem é sujo; estado do que está sujo, imundície, sujidade; coisa mal feita; obra mal acabada; coisa sem valor'
<i>selvagem</i>		<i>selvajaria</i> 'qualidade, dito ou ações de selvagem; grosseria, rusticidade'

Através dos dados constantes nos Quadros 4, 5 e 6, podemos observar a existência de produtos lexicais gerados através do mesmo operador afixal (*-aria*), sem que partilhem o mesmo tipo de base. Sendo assim, estes produtos não são identificáveis como produtos da mesma RFP, o que quebra a homogeneidade categorial que, segundo os modelos formuladores de RFPs, é característica das bases genolexicais.

Seguindo uma abordagem orientada para o *input*, uma solução que prevê a homonimização de afijos, concebendo tantos afijos quantos os tipos categoriais das bases a que aqueles se acoplam, não se revela adequada. Essa não adequação advém do facto de, não obstante a não coincidência tipológica das bases, ser inegável a partilha de traços semânticos entre os itens lexicais produzidos pelo sufixo *-aria*. Em todos eles se verifica um traço abstrato de [coletividade; quantidade], cujo efeito nos produtos lexicais sintetizaremos na secção 3.2.

2.3 Modelos orientados para o *output*

É esta uniformidade semântica manifestada pelos produtos que partilham o mesmo afixo, não obstante a diversidade semântico-categorial das bases, que serve de sustentação a modelos opostos aos das RFPs enquanto modelos orientados para o *input*. Estes modelos opostos, orientados para o *output*, são ilustráveis pelo modelo *sign-based output-oriented* (Plag 1999).

Analizando os afixos que permitem formar verbos em inglês, como *-ize*, *-ify*, *-ate*, *-en*, Plag (1999) alega que existem mais similitudes semânticas entre os verbos construídos com o mesmo afixo do que entre todos os verbos afixados, independentemente do afixo que os constrói. Tal facto demonstra, segundo Plag, que a semântica de cada afixo particular prevalece sobre a semântica da RFP. Sendo assim, não existe sinonímia absoluta entre os afixos, pelo que estes não podem ser considerados como meros operadores formais de RFPs, como defende por exemplo Beard (1995).

Plag rejeita, assim, a importância conceptual das RFPs, enquanto esquemas dominados pela univocidade das bases, defendendo que cabe ao afixo a operacionalização de esquemas derivacionais. A rejeição das RFPs baseia-se na observação de que estas atuam de modo sub- e sobregerativo.

Assim, as RFPs revelam-se sobregerativas nas situações em que se verificam lacunas lexicais reais em relação a formas previstas pelas RFPs. Plag (1999, 6) providencia o exemplo seguinte: a haver uma RFP geradora de *curiosity* com base em *curious*, a mesma RFP geraria formas como **gloriosity* e **furiosity* a partir de *glorious* e de *furious*, respetivamente. Tal não se verifica, o que evidencia, segundo Plag, o não cabimento de RFPs.

Por contraste, as RFPs também se revelam subgerativas, uma vez que se verificam produtos lexicais não enquadráveis em RFPs. Por exemplo, em português, a RFP de adjetivos modais prevê que o afixo *-vel* apenas se anexe a verbos, para formar adjetivos que significam 'que pode ser Vbase' (*contável*, *bebível*, *praticável*). No entanto, existem adjetivos como *papável* 'que pode ser eleito Papa', cuja base é um nome (*Papa*) e não um verbo.

Em modelos que equacionem as RFPs não de modo linear, mas antes estratificado, associativo e polidimensional, como os de Corbin (1987, 1991) e Rio-Torto (1993, 1998), os problemas que Plag (1999) imputa aos modelos de RFPs podem ser contornados sem ser necessário abandonar completamente a visão de que a formação de palavras se encontra sedimentada em esquemas que assentam na homogeneidade das bases. Para uma visão crítica destes modelos, veja-se Rodrigues (2015).

2.3.1 Desvantagens de modelos orientados para o *output*

O modelo de Plag não se encontra isento de desvantagens. Se é verdade que o seu trabalho permite focalizar a importância do semantismo dos afixos para a formação do produto, deve ter-se em consideração que, ao negar a validade teórico-conceptual das RFPs enquanto esquemas que partem da uniformidade das bases, a sua proposta leva à desvantagem de se pôr de parte algo que é empírica e

teoricamente importante: a similitude existente entre produtos construídos a partir de um determinado tipo categorial de base e que partilham abstratamente uma semanticidade, como exemplificado nos Quadros 1, 2 e 3 já aqui analisados.

2.4 Síntese do confronto entre modelos teóricos orientados para o *input* e para o *output* e dados empíricos

Os dados empíricos explicitados nos Quadros 1 a 6 mostram dois eixos diferentes de observação da formação de palavras que conduziram a formulações teóricas distintas e contraditórias, como vimos nas secções 2.2 e 2.3. Nesses Quadros observamos i) convergências ao nível das bases e divergências ao nível dos afixos (Quadros 1 a 3) e, vice-versa, ii) convergências ao nível dos afixos e divergências ao nível das bases (Quadros 4 a 6). Se sintetizarmos a relação entre o confronto entre estes dados e o confronto entre os modelos teóricos por eles suscitados, podemos aventar três interpretações divergentes para os mesmos:

- i) a geração lexical é efetivamente idiossincrática, caótica, imprevisível, uma vez que nem os modelos orientados para o *input* nem aqueles orientados para o *output* descrevem adequadamente os fenómenos de genolexia;
- ii) a geração lexical é previsível ou semiprevisível. No entanto, dependendo do ponto de vista do observador, ou seja, do quadro teórico adotado, a descrição dos dados empíricos é apenas conseguida parcialmente (Modelos orientados para o *input* apenas observam a homogeneidade das bases; modelos orientados para o *output* a homogeneidade construída pelo afixo.);
- iii) a geração lexical é previsível ou semiprevisível, mas a sua operacionalidade encontra-se estruturada de uma forma complexa, não linear, *mas em rede*. Significa isto que não deve ser abandonada nem a abordagem *input-oriented* nem a abordagem *output-oriented* em benefício da contrária. Ambas devem ser conciliadas num modelo que equacione a formação de palavras como uma arquitetura de redes (Rodrigues 2008, 2012, 2014, 2015).

A primeira interpretação não tem cabimento, se tivermos em consideração a organização lexical manifestada através de modelos que preconizam a existência de RFPs ou de esquemas organizados em torno dos operadores afixais. Ambos os modelos tornam evidente o carácter não marginal da genolexia no seio da linguagem, demonstrando que a formação de palavras, tal como a sintaxe, possui uma organização interna que pode ser descrita por meio de padrões.

A segunda interpretação revela apenas a face do objeto que cada modelo analisa, que coincide com aquela que é esquecida pelo oposto. Tal interpretação radicar-se-ia numa solução empiricamente pouco aceitável, que consiste na obliteração da complexidade dos dados empíricos a favor da elegância do modelo teórico.

Foi na sequência das limitações focadas nas secções 2.2.1 e 2.3.1 de cada um dos modelos que em Rodrigues (2008) construímos uma solução que conduz à terceira das interpretações acima elencadas. Em vez de optarmos apenas por nos atermos à homogeneidade construída pela partilha de tipos de bases (*adivinhação*, *emergência*, *verificação*, *alinhamento*, *moldagem*, *abanadura*, *gritaria*, etc.) própria dos modelos orientados para o *input*, ou por nos restringirmos à homogeneidade que

advém da partilha do operador afixal (*gritaria, voaria, calmaria, livraria*) própria dos modelos orientados para o *output*, alicerçámos um modelo genolexical conciliador de ambas as abordagens anteriores – o modelo de RFPs em Interface. A construção deste modelo emergiu da necessidade de adequar o modelo teórico aos dados empíricos, de modo que a explicação destes não saísse relegada para segundo plano em prol da elegância do modelo teórico. Por outro lado, o modelo teórico revela-se coerente com as conceções mais recentes do léxico em geral, e não apenas do domínio do léxico construído, que abordam aquele como uma arquitetura em rede (Booij (2010), Jackendoff (2002)).

3 Modelo de RFPs em Interface

O modelo de RFPs em Interface advoga que o domínio da genolexia mental pode organizar-se volumetricamente e não apenas segundo um único eixo, ao contrário do estipulado quer pelos modelos orientados para o *input*, quer por aqueles orientados para o *output*. Assim, neste modelo, continuam a existir as RFPs, agora enquanto esquemas mentais que sistematizam um paradigma cuja estruturação cabe à relação semântico-categorial entre bases e produtos. No entanto, também são considerados os paradigmas estruturados pelos afixos, para os quais contribui a dimensão semântica destes operadores. Neste sentido, dois paradigmas de níveis diferentes podem estar em interface, formando assim paradigmas cruzados, se um mesmo operador afixal operar em RFPs distintas. O modo de operação que subjaz à interface entre estas RFPs ficará mais explícito na análise particular dos produtos do sufixo *-aria*, já expostos nos Quadros 4, 5 e 6.

Nesses Quadros, encontram-se produtos formados a partir de bases categorialmente distintas (Verbos, Nomes, Adjetivos). Assim, de acordo com o tipo de base a que o afixo se acopla, temos produtos gerados em RFPs distintas (*nomina actionis* (*zombaria, zurraria*), *nomina quantitatis* (*contaria, laçaria*) e *nomina qualitatis* (*selvajaria, velhacaria*)). Na secção 2.2.1, afirmámos que, não obstante o enraizamento em RFPs distintas, os produtos que partilham o afixo *-aria* são caracterizados por um semantismo abstrato de 'coletividade, 'quantidade'. Dedicar-nos-emos agora a fundamentar esta afirmação e os pressupostos em que a mesma se alicerça.

3.1 Metodologia para a identificação de traços semânticos dos afixos

É necessário explicitar que a delimitação da unidade afixal por que optámos não se prende apenas ao significante dessa unidade, mas à relação entre este e a sua estrutura semântica e sintática. Esta visão alimenta-se da observação dos dados empíricos, que indica que a dimensão semântica do afixo é crucial na distinção semântica de produtos gerados a partir da mesma RFP, mas que não funcionam plenamente como sinónimos (cf. Plag (1999); Rodrigues (2008); Rodrigues e Rio-Torto (2013); Lieber (2014)).

Os traços semânticos dos afixos não são observáveis diretamente no afixo em si mesmo, mas apenas no semantismo do lexema que contém esse afixo. Fundamenta esta asserção a visão da semântica conceptualista de Jackendoff (2002), em que esta

estrutura se descreve como compósita e constituída por diferentes fiadas, não relacionadas concatenativa ou segmentalmente, à luz do evidenciado para a estrutura fonológica pela fonologia não linear (cf. Goldsmith 1990).

A composicionalidade da semântica lexical não é sinónimo de definibilidade, como refere Jackendoff (2002, 335), uma vez que a significação de um lexema não resulta da súmula dos significados de unidades lexicais ou morfológicas autónomas nem é identificável pelo falante intuitivamente. Jackendoff (2002, 335) serve-se de um paralelismo com a física para esclarecer que a composicionalidade da semântica não é linear nem labora necessariamente com unidades que correspondam a entidades autónomas. Ainda que Jackendoff (2002) não providencie estas informações, focaremos sinteticamente o modo de funcionamento de uma entidade física (o quark), de modo a mais facilmente compreendermos a composicionalidade da semântica por nós defendida.

De acordo com a física de partículas, os quarks (Murray Gell-Mann; George Zweig) são partículas elementares constituintes da matéria. Os quarks associam-se entre si formando partículas compósitas que são os hádrons. Os quarks estão sujeitos àquilo que é designado por *confinamento de cor*. Devido ao confinamento, os quarks ocorrem sempre em associação, formando hádrons. Cada quark que constitui o hádron não pode ser isolado, pelo que só se pode observá-lo ao nível do hádron.

Mutatis mutandis, ao nível da semântica a descrição da composicionalidade dos lexemas construídos só pode ser levada a cabo através de uma observação indireta dos seus constituintes. Assim, é necessário observar a atuação de cada afixo em cada lexema para averiguar qual o seu contributo para o semantismo global do lexema.

Dado que é necessário determinar que parte do semantismo é devedora do afixo e que parte é devedora da base, torna-se imprescindível proceder i) à comparação dos semantismos dos lexemas gerados a partir da mesma base lexical, na mesma RFP, com afixos distintos (*e.g. refinaria vs. refinagem vs. refinação vs. refinamento* (gerados a partir do verbo *refinar* na RFP de *nomina actionis*)); e ii) à comparação dos semantismos dos lexemas gerados com o mesmo afixo a partir de bases distintas. Numa primeira fase deste segundo nível de comparação, essas bases são distintas enquanto lexemas particulares, mas pertencem à mesma categoria lexical (*e.g. zombaria, zurraria, gritaria* (as bases são verbos)). Numa segunda fase do segundo nível de comparação, as bases são categorialmente distintas (*e.g. cavalaria, branquearia, velhacaria* (as bases são, respetivamente, um nome, um verbo e um adjetivo)).

O primeiro nível de comparação permite perceber matizes semânticos entre os produtos gerados na mesma RFP. Esses matizes podem ser oriundos da especificidade semântica do afixo. Essa especificidade do afixo é avaliada no segundo nível de comparação, através do qual se verifica se todos os produtos daquela RFP que ostentem aquele afixo possuem o mesmo matiz semântico. Na segunda fase do segundo nível de comparação, pretende-se determinar se esse matiz semântico se encontra presente em produtos com esse afixo gerados noutras RFPs. Esta fase permite i) validar a circunscrição semântica do afixo; ii) identificar o segmento morfológico afixal em causa como sendo o mesmo afixo ou um afixo homónimo.

Na validação do semantismo do afixo, pode concluir-se que o mesmo apresenta variações que podem subsumir-se em traços de nível abstrato.

Em Rodrigues (2008, 331-402), explana-se detalhadamente esta metodologia. Contudo, gostaríamos de salientar que a mesma só obtém validade se operável com a análise de um grande acervo de produtos lexicais. Por exemplo, em Rodrigues (2008), o estudo de nomes deverbais do português parte da análise de um *corpus* constituído por 8414 nomes deverbais e de 13708 significações dos mesmos, números que indicam o *corpus* final, ou seja, já filtrado de modo a excluir falsos nomes deverbais.

3.2 Atuação do traço semântico do afixo

Através deste método comparativo, em Rodrigues (2008, 419–423) concluiu-se que o sufixo *-aria* detém o traço semântico abstrato de 'coletividade, quantidade, multiplicidade'. Este traço é equivalente ao traço [composed of individuals] proposto por Lieber (2004, 136) e remete para a composicionalidade da categoria referencial como constituída por unidades internas semelhantes. Assim, eventos como *vozearia* ou *zurraria* implicam a repetição do mesmo evento, não sendo constituídos por um único 'evento de vozear' ou por um único 'evento de zurrar'. Tratando-se de um traço transversal a várias categorias referenciais e lexicais, como defende Lieber (2004, 137–139), este traço ocorre abstratamente em nomes designadores de categorias referenciais concretas que contêm subunidades replicáveis, como *committee* (Lieber 2004, 137), e ainda em lexemas com referencialidade abstrata, como aqueles que designam eventos ou qualidades, desde que pressuponham uma iteração, como *giggle* (Lieber 2004, 139). Deste modo, este é um traço verificável i) em nomes designadores de conjuntos, como *contaria* ou *laçaria*, mas também ii) em nomes que indicam locativos, ou seja, espaços onde existem grandes quantidades de objetos designados pelas bases (*livraria*, *sapataria*, *pastelaria*) ou onde se realizam iteradamente os eventos significados pelas bases (*amassaria*, *branquearia*, *destilaria*), iii) em nomes de qualidade que advêm do carácter repetido de uma atitude ou comportamento, como *selvajaria* ou *porcaria*, e ainda iv) nos já mencionados eventivos (*zombaria*).

Em Rodrigues (2008, 89–103) e Rodrigues e Rio-Torto (2013), esta diversidade semântica protagonizada por um traço abstrato de um sufixo é explicada através da compatibilidade semântica entre o traço afixal e aqueles que perfazem o semantismo da base. Esse mecanismo, designado, à luz de Lieber (2004), por coindexação, opera com estruturas semânticas não observáveis direta nem intuitivamente pelo falante, como descrito em cima.

Assim, de acordo com Rodrigues (2008, 51–52), quando o sufixo *-aria* se anexa a bases [+concretas; -dinâmicas], o produto designará uma categoria concreta e não eventiva, onde existem grandes quantidades do objeto referenciado pela base. Este é o caso de *livraria*, *contaria* e *sapataria*, cujas bases respetivas são *livro*, *conta* e *sapato*. Aqueles produtos designam, pois, ou espaços ou objetos apenas perfeitos pela quantidade de objetos manifestados pela base.

Nas situações em que o sufixo *-aria* se anexa a bases [+concretas; +dinâmicas], como *algoz* e *selvagem*, o produto designará atitudes, como em *algozaria* e *selvajaria*.

No caso de a base ser um verbo, a tipologia semântica verbal determina o semantismo do produto. Se a base verbal for um verbo inergativo, caracterizado, seguindo Levin e Rappaport Hovav (1995) pelos traços [+dinâmico; -causativo], a semântica do produto excluirá a designação de 'locativo onde se realiza o evento' ou de 'objetos resultantes do evento' e apresentará a semântica de 'evento'. É este o caso de *zurraria*, cujo significado se atém ao carácter [+dinâmico], mas [-causativo] da base *zurrar*, a que se acresce a carga de 'iteração' implicada pelo sufixo *-aria*. Se a base verbal for um verbo transitivo causativo, caracterizado, seguindo Levin e Rappaport Hovav (1995), pelos traços [+dinâmico; +causativo], então o produto designará o 'espaço onde se realiza o evento reiteradamente' (*barbearia*, *refinaria*) ou o 'conjunto de objetos concretos resultantes do evento', como em *pescaria* 'grande quantidade de peixe pescado' e *marshetaria* 'obra que resulta da atividade de marchetar'.

Explicitada sucintamente a atuação semântica do mesmo afixo em RFPs distintas, mostraremos agora a correlação entre todos os afixos atuantes nas três RFPs em que labora o sufixo *-aria*.

3.3 Afixos atuantes em RFPs distintas: RFPs em Interface

Os Quadros 7, 8 e 9 mostram a correlação entre cada uma das RFPs de *nomina quantitatis*, de *nomina qualitatis* e de *nomina actionis* e os diversos operadores afixais que nelas laboram. No Quadro 7 assinalam-se os afixos que operam nas três RFPs, no Quadro 8 aqueles que operam em duas delas. Aqueles que apenas trabalham em uma das RFPs encontram-se no Quadro 9, onde também se apresentam os afixos atualmente não disponíveis para a geração de produtos. Apesar de não estarem disponíveis, mantêm a sua capacidade de conglomeração de paradigmas.

Quadro 7. Afixos operadores nas RFPs de *nomina qualitatis*, *nomina quantitatis* e *nomina actionis*

	RFP <i>nomina qualitatis</i>	RFP <i>nomina quantitatis</i>	RFP <i>nomina actionis</i>
Afixos	ADJ-N 'qualidade de Adjbase'	N-N 'quantidade, conjunto de Nbase'	V-N 'evento de Vbase'
<i>-agem</i>	<i>vagabundo-vagabundagem</i>	<i>pelo-pelagem</i>	<i>moer-moagem</i>
<i>-aria</i>	<i>calmo-calmaria</i>	<i>escada-escadaria</i>	<i>destilar-destilaria</i>
<i>-eira</i>	<i>maluco-maluqueira</i>	<i>brasa-braseira</i>	<i>cansar-canseira</i>
<i>-ismo</i>	<i>castigo-casticismo</i>	<i>sigilo-sigilismo</i>	<i>bisbilhotar-bisbilhotismo</i>

Quadro 8. Afixos operadores em duas RFPs do conjunto formado pelas RFPs de *nomina qualitatis*, *nomina quantitatis* e *nomina actionis*

	RFP <i>nomina qualitatis</i>	RFP <i>nomina quantitatis</i>	RFP <i>nomina actionis</i>
Afixos	ADJ-N 'qualidade de Adjbase'	N-N 'quantidade, conjunto de Nbase'	V-N 'evento de Vbase'
-ão	-	<i>panela-panelão</i> (PB)	<i>abandar-abanão</i>
-edo	-	<i>árvore-arvoredo</i>	<i>folgar-folguedo</i>
-ato	<i>anônimo-anonimato</i>	<i>colono-colonato</i>	-
-ia	<i>cortês-cortesia</i>	<i>diretor-diretoria</i>	-
-ice	<i>bizantino-bizantinice</i>	-	<i>bisbilhotar-bisbilhotice</i>
-ume	<i>negro-negrume</i>	-	<i>arder-ardume</i>

Quadro 9. Afixos operadores em uma das RFPs do conjunto formado pelas RFPs de *nomina qualitatis*, *nomina quantitatis* e *nomina actionis*

	RFP <i>nomina qualitatis</i>	RFP <i>nomina quantitatis</i>	RFP <i>nomina actionis</i>
Afixos	ADJ-N 'qualidade de Adjbase'	N-N 'quantidade, conjunto de Nbase'	V-N 'evento de Vbase'
-ada/o	-	<i>pássaro-passarada</i> <i>professor-professorado</i>	-
-alha	-	<i>criança-criançaalha</i>	-
-ama/e	-	<i>mouro-mourama</i> <i>mulher-mulherame</i>	-
-ário	-	<i>preço-preçário</i>	-
-eto	-	<i>duo-dueto</i>	-
-io	-	<i>rapaz-rapazio</i>	-
-ata	-	-	<i>mamar-mamata</i>
-ção	-	-	<i>cultivar-cultivação</i>
-ço	-	-	<i>cansar-cansaço</i>
-da	-	-	<i>olhar-olhada</i>
-deira	-	-	<i>brincar-brincadeira</i>
-dela	-	-	<i>caiar-caiadela</i>
-dura	-	-	<i>abotoar-abotoadura</i>
-ido	-	-	<i>ladrar-ladrido</i>
-mento	-	-	<i>enobrecer-enobrecimento</i>
-nça	-	-	<i>vingar-vingança</i>
-ncia	-	-	<i>falir-falência</i>
-nço	-	-	<i>falhar-falhanço</i>
-tório	-	-	<i>falar-falatório</i>
-ez	<i>árido-aridez</i>	-	-

-eza	frio-frieza	-	-
-idade	ágil-agilidade	-	-
-idão	vermelho-vermelhidão	-	-
-ura	longe-lonjura	-	-
Afixos não produtivos			
-ície	calvo-calvície	-	-
-or	amargo-amargor	-	-
-itude	pleno-plenitude	-	-

Os sufixos *-agem*, *-aria*, *-eira* e *-ismo* destacam-se por servirem a geração de nomes dos três tipos analisados. As RFPs marcam paradigmas e os afixos marcam outros paradigmas que se entrecruzam com os primeiros. Assim, nomes como *aridez*, *frieza*, *agilidade*, *cortesia*, *bizantinice*, *vagabundagem*, etc. encontram-se sob o mesmo paradigma, estruturado através da correlação abstrata entre a base predicativa (nominal ou adjetival) e o produto designador de 'qualidade de'. Nomes como *passarada*, *pelagem*, *criança*, *mulherame*, *escadaria*, *preçário*, *arvoredo*, *sigilismo*, etc. encerram-se sob o mesmo paradigma, cuja estruturação cabe à relação entre a base nominal e a designação de 'conjunto de, quantidade de' expresso no produto. Por último, nomes como *moagem*, *abanão*, *destilaria*, *cultivação*, *brincadeira*, *folgado*, *canseira*, *bisbilhotice*, *bisbilhotismo*, *vingança*, entre outros, encontram-se dentro do mesmo paradigma devido à partilha da relação entre uma base verbal e um produto nominal que designa 'evento'.

A par desta dimensão paradigmática, ao longo dos Quadros 7, 8 e 9 depreendemos ainda uma outra dimensão de paradigma – aquela que resulta da partilha do afixo.

Também os dados empíricos se revelam cruciais para compreendermos a estruturação em paradigmas múltiplos dos materiais constantes dos Quadros 7, 8 e 9. Assim, aplicando a metodologia enunciada na secção 3.1, se observarmos nomes como *vagabundagem*, *pelagem* e *moagem*, depreendemos que, não obstante serem construídos em RFPs distintas, existe entre eles a partilha do traço de 'coletividade, quantidade, multiplicidade'. O mesmo ocorre com os produtos em *-aria* (*calmaria*, *destilaria*, *escadaria*), *-eira* (*maluqueira*, *braseira*, *canseira*). Já em *casticismo*, *sigilismo* e *bisbilhotismo*, se verifica um semantismo de 'sistematicidade', que advém de uma iteração da categoria conceptual designada pela base. Os traços destes sufixos operadores nas três RFPs podem ser conglomerados num nível mais abstrato sob o semantismo de 'iteratividade'. É justamente este valor que parece proporcionar que estes afixos operam nas três RFPs em simultâneo. Enfatizamos que a identificação dos traços semânticos decorre de uma metodologia comparativa explicitada na secção 3.1.

Repare-se que são mais os afixos típicos da RFP *nomina quantitatis* que agem nas restantes RFPs do que, por exemplo, os afixos típicos da RFP de *nomina actionis* a agirem nas outras duas. Tal facto se deve à dimensão semântica inerente aos afixos atuantes na RFP de *nomina quantitatis*, compactuada em 'quantidade, conjunto,

iteração', que é aplicável não apenas a objetos, mas também a qualidades e eventos, como explicado na secção 3.2.

Destes dados, pode construir-se um esquema visualizável na Figura 1, de Rodrigues (2008, 43), que mostra outras RFPs para além daquelas que temos vindo a analisar neste trabalho, bem como outros afixos, e que assinala o Modelo de RFPs em Interface desenvolvido em Rodrigues (2008).

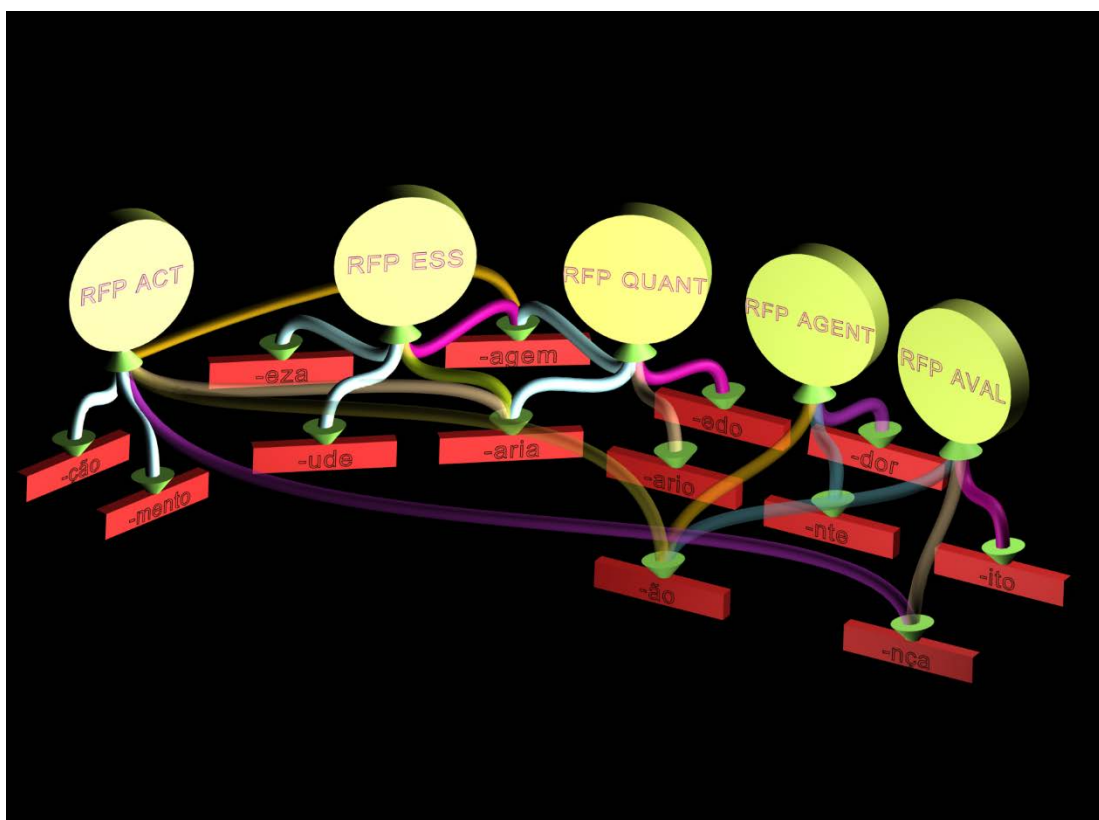


Figura 1. Modelo de RFPs em Interface (Rodrigues 2008, 43)

A principal consequência destas observações para a conceção do léxico é que a dimensão genolexical deste se encontra organizada numa arquitetura de redes. Essas redes são construídas como paradigmas interseccionados entre si através das correlações edificadas pelas RFPs laboradas pela atuação de cada um dos afixos em diversas RFPs.

4 Conclusão

A análise empírica da formação de palavras do português mostra que os modelos lexicalistas orientados para o *input* e aqueles orientados para o *output* não são em si mesmos cabalmente adequados à descrição dos fenómenos em causa. Como solução para este problema, propomos o modelo de RFPs em Interface. Este modelo, que explicita um domínio específico do léxico – o da formação de palavras – apresenta como principal característica a visão deste domínio como uma arquitetura de redes construída com base nos paradigmas mentais que se situam em eixos e níveis diversos. Esses eixos centram-se i) nas relações semântico-

categoriais entre bases e produtos lexicais e ii) nas relações semânticas tecidas pelos afixos operadores em mais do que um paradigma do eixo focado em i). O modelo de RFPs em Interface apresenta a vantagem de conciliar as abordagens que modelos de formação de palavras anteriores colocavam como inconciliáveis ao advogar que a organização lexical se constrói numa arquitetura em redes.

5 Bibliografia

- Aronoff, Mark (1976), *Word-formation in generative grammar*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- Beard, Robert (1995), *Lexeme-morpheme base morphology: a general theory of inflection and word formation*, New York, State University of New York Press.
- Bloomfield, Leonard (1933), *Language*, New York, Henry Holt.
- Booij, Geert (1977), *Dutch morphology: a study of word formation in generative grammar*, Dordrecht, Foris.
- Booij, Geert (2010), *Construction morphology*, Oxford, Oxford University Press.
- Chomsky, Noam (1957), *Syntactic structures*, Den Haag, Mouton.
- Chomsky, Noam (1965), *Aspects of the theory of syntax*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- Chomsky, Noam (1970), «Remarks on nominalization», in: Chomsky, Noam, *Studies on semantics in generative grammar*, Paris/New York, Mouton Publishers, 11–61.
- Corbin, Danielle (1987), *Morphologie dérivationnelle et structuration du lexique*, 2 vol. Tübingen, Niemeyer.
- Fitch, W. Tecumseh; Hauser, Marc; Chomsky, Noam (2005), «The evolution of the language faculty: clarifications and implications», *Cognition* 97/2, 179–210.
- Goldsmith, John (1990), *Autosegmental and metrical phonology*, Oxford, Blackwell.
- Halle, Morris (1973), «Prolegomena to a theory of word formation», *Linguistic Inquiry* 4, 3–16.
- Hauser, Marc; Chomsky, Noam; Fitch, Tecumseh (2002), «The language faculty: What is it, who has it, and how did it evolve?», *Science* 298, 1569–1579.
- Jackendoff, Ray (2002), *Foundations of language: brain, meaning and evolution*, Oxford, Oxford University Press.
- Jackendoff, Ray; Pinker, Steven (2005), «The nature of the language faculty and its implications for evolution of language (Reply to Fitch, Hauser & Chomsky)», *Cognition* 97/2, 211–225.
- Kinsella, Anna (2009), *Language evolution and syntactic theory*, Cambridge, Cambridge University Press.

- Levin, Beth; Rappaport Hovav, Malka (1995), *Unaccusativity. At the syntax-lexical semantics interface*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- Lieber, Rochelle (2004), *Morphology and lexical semantics*, Cambridge, Cambridge University Press.
- Lieber, Rochelle (2014), «Theoretical approaches to derivation», in: Lieber, Rochelle; Štekauer, Pavol (ed.), *The Oxford handbook of derivational morphology*, Oxford, Oxford University Press, 50–66.
- Plag, Ingo (1999), *Morphological productivity. Structural constraints in English derivation*, Berlin/New York, Mouton de Gruyter.
- Pustejovsky, James (1995), *The generative lexicon*, Cambridge, Massachusetts, The MIT Press.
- Rio-Torto, Graça (1993), *Formação de palavras em português. Aspectos da construção de avaliativos*. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa apresentada à Universidade de Coimbra, (Inédita), Coimbra.
- Rio-Torto, Graça (1998), *Morfologia derivacional. Teoria e aplicação ao português*, Porto, Porto Editora.
- Rio-Torto, Graça et alii (2013), *Gramática derivacional do português*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2008), *Formação de substantivos deverbais sufixados em português*, München, Lincom.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2012), «What affixes reveal about word formation?», in: Bloch-Trojnar, Maria; Bloch-Rozmej, Anna (ed.), *Modules and interfaces*, Lublin, Wydawnictwo, 255–270.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2014), «Causative eventive chains and selection of affixes in Portuguese nominalisations», *Lingue e Linguaggio* XIII/1, 159–184.
- Rodrigues, Alexandra Soares (2015), *A gramática do léxico: morfologia derivacional e o léxico mental*, München, Lincom.
- Rodrigues, Alexandra Soares; Rio-Torto, Graça (2013), «Semantic coindexation: evidence from Portuguese derivation and compounding», in: ten Hacken, Pius; Thomas, Claire (ed.), *The semantics of word formation and lexicalization*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 161–179.